



## DOS RESERVATÓRIOS DA MEMÓRIA EMERGEM IMAGENS (AUTO) FORMADORAS

**TRINDADE, Raquel Bastos<sup>1</sup>; WEGNER, Bárbara Pires<sup>2</sup>; PERES, Lúcia Maria VAZ<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Bolsista PIBIC/CNPq/GEPIEM – [quelbastost@yahoo.com.br](mailto:quelbastost@yahoo.com.br); <sup>2</sup>Bolsista BIC/FAPERGS/GEPIEM – [barbara-wegner@hotmail.com](mailto:barbara-wegner@hotmail.com); <sup>3</sup> Orientadora FAE/UFPEL/GEPIEM – [lvperes@terra.com.br](mailto:lvperes@terra.com.br)

### 1. Introdução

A formação inicial de professores tem sido exaustivamente estudada, no entanto, temos nos ressentido com a ausência de olhares, leituras e análises que apresentem um espectro que possibilite uma visão mais alargada e aprofundada. Nesse sentido, entendemos que as contribuições dos estudos que advêm do campo teórico do imaginário, lançariam diferentes leituras capazes de dar conta de elementos subsumidos na formação da educadora, a exemplo dos reservatórios que segundo Machado da Silva “... agrega imagens, sentimentos, lembranças experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida...( 2003, p.11-12)

Segundo contribuições de Josso (2004) e Dominicé (1988, 1990 e 1996), pesquisadores da Universidade de Genebra, a abordagem biográfica constitui-se num processo de investigação/formação de onde emerge as experiências formadoras. Tais experiências advêm das aprendizagens significativas construídas em diferentes momentos. Neste caso, pelos sujeitos e protagonistas do material empírico via histórias de vida, as quais vão colorindo este universo de pesquisa.

A pesquisa a qual nos referimos intitula-se: **Garimpando imagens, memórias, representações e arquétipos nas trajetórias e (auto) biografias de alunas em formação inicial do Curso de Pedagogia da UFPEL: um estudo longitudinal (2006/2009)**. O objetivo central é acompanhar um grupo de sete alunas<sup>1</sup> do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas. (UFPEL/RS). Teve início no ano de 2006 e se estenderá até 2009, perfazendo assim, um período de quatro anos. Através deste estudo, buscamos compreender como as imagens, as representações e os arquétipos, vêm influenciando a formação inicial dessas alunas, além de problematizarmos sobre o quanto estas marcas, ainda hoje, estão presentes e de algum modo são fomentadoras das aprendizagens no decurso da formação.

---

<sup>1</sup> Dela participam, atualmente 7 alunas. No início da pesquisa, contávamos com 13 alunas, que aos poucos foram saindo em função de justificativas como: “olhar a minha história mexe muito comigo e prefiro, neste momento, não fazê-lo”. Duas delas tiveram nenês e outras simplesmente saíram

## 2. Material e Métodos

A metodologia empregada ancora-se em um “olhar para si”, fundamentada tanto em Josso (2004) quanto em Durand (1988), no que se refere ao “psicologismo metodológico e a metodologia de convergências”, que significa usar diferentes modalidades para captar os núcleos simbólicos centrais ou categorias dos reservatórios das imagens lembradas e narradas. Assim, construímos a referida metodologia de convergências com o intuito de buscar as homologias<sup>2</sup> entre as narrativas autobiográficas, as imagens da infância e as representações atuais, através de diversos materiais por elas produzidos. Portanto, estabelecemos relações entre esses diferentes materiais, coletados na história de vida destas aprendizes (fotos, escritas, técnicas expressivas, poéticas, dentre outras), desde o ponto de vista das representações que se repetiam simbolicamente, mesmo com outras roupagens. Este é conteúdo central das problematizações do imaginário.

[...] significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para as nossas percepções ou para as imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentimentos, sentidos e valores (JOSSO, 2004, p.40).

Nessa perspectiva, a escrita da narrativa pode levar o sujeito a uma dimensão de auto-escuta, como se estivesse contando para si próprio as experiências e aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do *conhecimento de si*.

Josso (2004) salienta que a pesquisa em história de vida, pode encaminhar-se para uma *pesquisa-formação*, na medida em que, para ela, uma das dimensões da construção da história de vida reside na elaboração de um auto-retrato dinâmico por meio das diferentes identidades que orientaram e orientam as atividades da pessoa; suas opções passivas ou deliberadas; suas representações e suas projeções, tanto nos aspectos tangíveis como invisíveis para outrem, e talvez ainda não explicitados ou surgidos na consciência do próprio sujeito. Segundo a autora

por meio desse auto-retrato mais ou menos explícito, evidenciar as posições existenciais, adotadas ao longo da vida, permite ao autor da narrativa tomar consciência da sua postura de sujeito e das idéias que, consciente ou não-conscientemente, estruturam essa postura. (p. 59).

Outro enfoque metodológico utilizado é o preconizado por Warschauer (2001), quando se refere à metodologia de seminários, tendo a ‘roda’ como um elemento aglutinador. Em consonância com a proposta de Josso organizamos o modo como se dariam os nossos encontros. Atualmente nos encontramos mensalmente com as sete integrantes do grupo, e após cada encontro são produzidas algumas narrativas – escritas, orais, imagéticas - de acordo com a temática abordada, a qual tem a intenção de propiciar uma reflexão acerca do que é a formação e do lugar que as experiências ocupam neste processo. Para isso, utilizamos como instrumentos motivadores desta escrita, diferentes materiais. Tais como: fotos, diários, cartas, palavras, filmes, poesias, como também, algumas técnicas expressivas, enfim, materiais que possibilitem a experiência com outras formas de sentido, de percepção, que não somente a linguagem direta.

---

<sup>2</sup> Referem-se às repetições significativas decorrentes de respostas frente uma mesma questão.

Segundo Josso (2004), o uso das narrativas nos permitem distinguir as experiências que tivemos coletivamente partilhadas e as experiências que tivemos individualmente; experiências únicas das experiências em série. Desta forma, as experiências nos ajudam a avaliar uma situação e/ou um novo acontecimento. A referida autora sugere que para entendermos o modo como ocorrem essas experiências, devemos analisar as três modalidades por ela proposta. As modalidades propostas são: a) Ter experiência: referem-se aqueles acontecimentos que tivemos, e que acabaram tornando-se significativos em nossas vidas, mesmo sem tê-los provocado; b) Fazer experiência: são aqueles acontecimentos que nós mesmos provocamos; c) Refletir sobre a experiência: refere-se à reflexão sobre os dois itens anteriores, ou seja, tanto sobre os acontecimentos que não provocamos quanto os que nós mesmos provocamos.

Utilizamos estas modalidades para a análise dos dados e, tem sido possível observar que nas trajetórias destas aprendizes estão subsumidos alguns núcleos simbólicos, sendo eles coletivos e individuais. **Os núcleos individuais** encontrados foram: idéia predestinação/ fracasso como foco na vida; a escola como palco para novas experiências; tendência heróica; já os **núcleos coletivos** foram: o grupo como um dispositivo de autoconhecimento, valorização do subjetivo e do objetivo na autoformação e importância do professor na história de vida dos alunos.

Porém, a reflexão que ora apresentamos, se deterá na análise de um dos núcleos coletivos: **a importância do professor na história de vida dos alunos.**

### 3. Resultados e Discussão

As alunas informantes da pesquisa nos dizem que:

“Na primeira série, o que me marcou foi a falsa promessa feita pela professora, que prometeu voltar a escola e nunca mais apareceu. Acredito que este fato me tornou uma aluna tímida com relação ao meu comportamento voltado as professoras das séries seguintes.”

Luisa

“Também vou falar um pouco da professora Jacira de história. Acho que foi na 7ª série[...]a minha irmã estava de aniversário, ai as colegas falaram para a professora que tínhamos que cantar os parabéns. Eu falei: -Ela está ficando ( mais velha) um ano mais velha.[...] A professora tirou os óculos do rosto e disse:

-Todos nós sempre ficamos mais velhos, ninguém fica mais novo, a cada dia que passa ficamos mais velhos, etc...

Bem, como a professora falou isso tudo me olhando eu queria morrer, sentia a minha pele queimar, que comentário infeliz eu fui fazer!

Ai eu passei a ter muito receio dessa professora, eu tinha medo de falar qualquer coisa e ela me passar outro sermão.”

Neti

“Um menino chegou para mim e disse assim: “Eu não quero passar”. E a gente perguntou: “Mas porque não quer passar? Todo mundo quer passar”. Ele disse: “Eu não quero passar porque eu não gosto da professora do 2º ano”. Poxa, saber assim, que algum dia um aluno pode dizer isso de mim. Ah! Aquilo dói. Dá vontade de mudar isso.”

Afrodity

Estes fragmentos resultam das representações sobre ser professor que habitam o imaginário destas alunas, e este imaginário revela-se através das crenças, valores, dos nossos sonhos, dos significados atribuído aos fatos. Sendo

assim, cada um atribuirá o significado de acordo com as suas experiências de vida, como podemos evidenciar nas falas mencionadas acima, em que percebemos o quanto os professores exercem muitas influências na vida de seus alunos:

Percebe-se que a relação entre professor-aluno é muito mais complexa do que, muitas vezes, podemos imaginar. Por isso, seria importante que os educadores tomassem consciência do lugar que eles ocupam perante aos alunos. E isso não se refere, apenas, ao modo como ensina os conteúdos do currículo. Mas, sobretudo, pela representação simbólica que o aluno projeta e constrói sobre ele como exemplos a ser seguidos. Situação que pode acabar interferindo não só no aspecto cognitivo de seus alunos, mas também na construção de seus repertórios. Nesse sentido, Pimenta (1999) afirma que

A construção do ser professor inicia antes de nos inserirmos num processo formal de ensino, temos representações do que seja um professor, uma escola, uma aula e, essas imagens compõem os saberes que serão utilizados na atuação profissional. (p.262)

Concordando com a autora, pensamos que o imaginário como uma força afetiva com suas raízes na infância e, também, pode constituir-se em impulso para apropriação dos futuros saberes. Nessa perspectiva, como futuras educadoras, poderão oportunizar aos alunos momentos para vizibilizar e valorizar as várias experiências ao longo de suas vidas, com o objetivo de atribuir sentido ao que aprendem. Com isso, os conteúdos escolares poderão ser um dos caminhos para suas ações na sociedade. Ao ter consciência disso e, sobretudo, colocar em prática os professores poderão (re) pensar o modo como estão construindo a sua prática pedagógica, tendo a possibilidade de apresentar aos alunos outra visão a respeito do ensino/aprendizagem.

#### **4. Considerações Finais**

Pensamos que um dos diversos caminhos possíveis seja a valorização das histórias de vida de cada educando, realizando um trabalho diferenciado que leve em conta a singularidade de cada um, com vistas à organização do coletivo. Contudo, o que está em jogo neste conhecimento de si não é apenas a capacidade de compreender que nos formamos através de um conjunto de experiências, mas sim a possibilidade de tomar consciência de que este reconhecimento de si como sujeito permite à pessoa ter uma outra visão sobre o seu itinerário de vida.

Finalmente, desejamos ressaltar que a tomada de consciência desta lembrança e imagem sobre a professora que tiveram, por parte das alunas pesquisadas, por certo sensibilizará este ponto de vista na prática futura. Daí porque Josso refere-se a este tipo de abordagem como *pesquisa-formação*.

#### **5. Referências Bibliográficas**

- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988.
- JOSSO, Marie - Christine. **Experiências de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- PERES, Lúcia Maria Vaz. **Garimpando imagens, memórias, representações e arquétipos nas trajetórias e (auto) biografias de alunas em formação inicial do curso de pedagogia da ufpel: um estudo longitudinal. (2006/2009)**. Pelotas, CNPq e FAPERGS, 2007.

PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente**. 1ª ed. São Paulo, Cortez, 1999

SILVA, Juremir Machado. Tecnologias do Imaginário. In: PERES, Lúcia Maria Vaz (org.). **Imaginário: o “entre-saberes” do arcacico e do cotidiano**. Pelotas: UFPEL, 2004

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.